



*UMA
APOLOGIA
DO ÓCIO*

Índice

Uma Apologia do Ócio	7
Carta a Um Jovem Cavalheiro Que se Propõe Abraçar a Carreira Artística	21
Do Enamorar-se	33
Velhice e Juventude	46
Da Fruição de Lugares Desagradáveis	64
Fontainebleau – Comunidades de Pintores nas Aldeias	75
A Antiga Capital do Pacífico	101
Notas Florestais: Horas Ociosas	123

Uma Apologia do Ócio

«BOSWELL: Entediamo-nos quando estamos ociosos.

JOHNSON: Isso acontece, senhor, porque, estando os demais ocupados, queremos companhia; mas, se nos dedicássemos todos ao ócio, não ficaríamos entediados; entreter-nos-íamos uns aos outros.»

A Vida de Samuel Johnson, James Boswell

Neste tempo em que todos são obrigados, sob pena de condenação à revelia por atentado à respeitabilidade, a exercer uma qualquer profissão lucrativa e a trabalhar nela com elevado grau de entusiasmo, o protesto dos opositores que se contentam com ter o suficiente, preferindo contemplar e desfrutar, parece dar ares de bravata e fanfarronice. No entanto, não deveria ser assim. A suposta ociosidade, que não consiste em não fazer nada, mas em fazer muitas coisas não reconhecidas nos formulários dogmáticos da classe dominante, tem tanto direito a afirmar a sua posição quanto o próprio labor. Supõe-se que a existência de pessoas que se recusam a entrar na grande corrida uniformizadora a troco de algum dinheiro é, ao mesmo tempo, um insulto e um desalento para aqueles que o fazem. Um bom sujeito (como vemos tantos) enche-se de determinação, opta

pelo dinheiro da corrida e, na enfática expressão americanizada, «atira-se a ele». E, enquanto este indivíduo percorre penosamente o trajeto definido, não é difícil compreender o seu ressentimento, ao ver pessoas tranquilamente estendidas nos prados à beira do caminho, com um lenço sobre as orelhas e um copo ao alcance da mão. A indiferença de Diógenes fere Alexandre num ponto muito sensível. Onde estava a glória da conquista de Roma para estes tumultuosos bárbaros que, ao invadirem o Senado, encontravam os senadores sentados em silêncio e impassíveis perante o seu sucesso? É desanimador empreender um esforço contínuo e escalar picos íngremes para, no fim de tudo, encontrar a humanidade indiferente a tal proeza. Daí que os físicos condenem quem se dedica ao que não é físico, os homens da finança tolerem apenas superficialmente aqueles que pouco sabem de valores em bolsa, os literatos desprezem os iletrados e os praticantes de todas as profissões se juntem na desacreditação daqueles que não têm nenhuma.

Ainda assim, apesar de esta ser uma das dificuldades do tema, não é a maior. Ninguém pode ser preso por falar contra o trabalho, mas poderá acabar ostracizado por dizer disparates. Na maioria dos temas, a principal dificuldade passa por lhes fazer justiça, motivo pelo qual convém lembrar que este texto é uma apologia. É certo que muito se poderá argumentar com sensatez a favor da diligência, mas também há razões contra ela, e é isso que pretendo fazer na presente ocasião. Expor um argumento não implica ignorar todos os outros, do mesmo modo que escrever um livro de viagens sobre o Montenegro não impede que se tenha visitado Richmond.

Não há dúvida de que devemos ser bastante ociosos na juventude. Embora aqui e ali um Lorde Macaulay consiga acabar os estudos com todas as honras e em pleno domínio das suas capacidades, a maioria dos jovens paga um preço tão alto pelas suas distinções que nunca mais recupera e sai depauperada para o mundo. E o mesmo se aplica a todo o tempo que um jovem passa a educar-se ou a suportar que o eduquem. Só um velho tolo poderia ter dito a Johnson, em Oxford, estas palavras: «Jovem, dedica-te agora aos teus livros com afinco e adquire um bom conjunto de conhecimentos porque, quando os anos te pesarem, descobrirás que ficar debruçado sobre livros é uma tarefa penosa.» O velho cavalheiro parecia não saber que muitas outras coisas além da leitura se tornam penosas, e não poucas impossíveis, quando um homem passa a ter de usar óculos e a não conseguir andar sem bengala. Em si mesmos, os livros são muito bons, mas são um substituto deveras pálido para a vida. Parece lastimável ficar sentado, como a Senhora de Shalott, a olhar para um espelho, de costas para toda a agitação e encanto da realidade. E se um homem lê muito, como nos lembra uma velha historieta, terá pouco tempo para pensar.

Se olharmos para trás, para a nossa própria educação, tenho a certeza de que não será das horas plenas, intensas e instrutivas de gazeta que nos arrependemos, mas antes de alguns momentos apagados e sonolentos na sala de aula. Quanto a mim, assisti a um bom número de aulas no meu tempo. Ainda me lembro que a rotação de um pião é um exemplo de estabilidade cinética. Ainda me lembro que a enfi-teuse não é uma doença, nem o estilicídio um crime. Todavia, embora não gostasse

de me desfazer de tais fragmentos da ciência, não lhes atribuo a mesma importância que a tantas outras pequenas coisas que aprendi na rua enquanto fazia gazeta. Não é este o momento para discorrer sobre esse poderoso lugar de educação que era a escola favorita de Dickens e de Balzac e que forma anualmente muitos mestres inglórios na Ciência dos Aspetos da Vida. Basta dizer o seguinte: se um jovem não aprende na rua, é porque não tem a faculdade de aprender. Além disso, nem sempre o gazeteiro está nas ruas, uma vez que, se preferir, poderá percorrer os subúrbios ajardinados até chegar ao campo. Poderá recostar-se num tufo de lilases junto a um regato e ficar a fumar cachimbo ao som da água nos seixos. Um pássaro cantará entre a vegetação. E talvez aí ele caia numa corrente de pensamentos bondosos que o levem a adotar uma nova perspectiva. Se isto não é educação, o que será? Podemos imaginar o Senhor Sábio do Mundo a abordá-lo e a conversa que daí resultaria:

— Meu caro jovem, o que fazes tu aqui?

— Sinceramente, senhor, estou a repousar.

— Não é hora de estar na escola? E não deverias estar a aplicar-te com diligência nos teus livros para adquirires conhecimento?

— É que assim, com sua licença, também aprendo.

— Oh, estás a aprender! Se me permites a pergunta, o quê? Matemática?

— Certamente que não.

— Metafísica?

— Também não.

— Alguma língua?

— Não, nenhuma língua.

— Um ofício?

— Também não é um ofício.

— Ora, o que é então?

— Na verdade, senhor, como em breve chegará a minha hora de sair em Peregrinação, desejo perceber o que se costuma fazer no meu caso, onde se encontram os piores Pântanos e Matagais no Caminho e também que tipo de Bastão será de melhor serviço para o percorrer. Além disso, deitei-me aqui, junto a este regato, para aprender pela raiz da memória uma lição que o meu mestre me ensinou a chamar «Paz» ou «Contentamento».

Ao escutar estas palavras, o Senhor Sábio do Mundo não conseguiria conter a indignação e, sacudindo a sua bengala com uma expressão bastante ameaçadora, diria algo neste sentido:

— Bela forma de aprender! Eu mandaria o Carrasco açoitar todos os vadios como tu!

E seguiria assim o seu caminho, alargando o plastrão com um estalar de goma, como um pavão a abrir desajeitadamente as suas penas.

Em bom rigor, a opinião do Senhor Sábio do Mundo é a mais comum. A um facto não se chama facto, mas intrigue-se, se não se enquadrar numa das categorias escolásticas. A investigação de algo tem de ser feita numa direção reconhecida, com o devido rótulo; caso contrário, não estamos a investigar nada, apenas a preguiçar, e até o asilo para os pobres é demasiado bom para nós. Supõe-se que todo o conhecimento se encontra no fundo de um poço ou na extremidade de um telescópio. Sainte-Beuve, conforme envelhecia, passou a ver toda a experiência como um único grande livro que estudamos

antes de partirmos deste lugar; e parecia-lhe indiferente se lêssemos o capítulo xx, sobre o cálculo diferencial, ou o capítulo xxxix, que se resume a ouvir a banda tocar nos jardins. Com efeito, uma pessoa inteligente, que veja com os próprios olhos e ouça com os próprios ouvidos, sem nunca perder o sorriso, obterá uma educação mais verdadeira do que muitas outras numa vida de heroicas vigílias. Há certamente algum conhecimento frio e árido a ser encontrado nos altos cumes da ciência formal e laboriosa, mas é à nossa volta, e pelo trabalho da observação, que aprendemos os factos ardentes e palpitantes da vida. Enquanto os outros enchem a memória com montes de palavras, metade das quais esquecerão antes de a semana acabar, o nosso gazeteiro poderá aprender alguma arte realmente útil: tocar violino, apreciar um bom charuto ou falar de modo natural e oportuno com todo o tipo de seres humanos. Muitos dos que se «dedicaram com afinco aos seus livros», e sabem tudo sobre um ou outro ramo da sabedoria estabelecida, saem dos estudos com um comportamento antiquado e semelhante ao de uma coruja, revelando-se secos, desinteressantes e irritáveis em todos os melhores e mais brilhantes momentos da vida. Muitos fazem grande fortuna, embora permaneçam vulgares e pateticamente estúpidos até ao fim. Entretanto, ali vai o ocioso, tendo começado a vida com eles, mas, se me permitem, compondo uma imagem diferente. Teve tempo para cuidar da sua saúde e do seu espírito; passou muito tempo ao ar livre, que é o mais salutar tanto para o corpo como para a mente; e, se nunca entrou nos lugares mais recônditos do Grande Livro, mergulhou nele e folheou-o com excelente

proveito. Não renunciaria, porém, o estudioso a algumas raízes hebraicas e o homem de negócios a algumas das suas moedas por uma parte do conhecimento do ocioso sobre a vida em geral e a Arte de Viver? Além disso, o ocioso tem uma outra qualidade mais importante do que estas. Refiro-me à sua sabedoria. Quem observou amiúde a satisfação infantil de outros indivíduos nos seus passatempos olhará para a sua própria satisfação apenas com uma indulgência muito irónica. Não o ouvirão entre os dogmáticos. Terá uma grande e tranquila tolerância para com todos os tipos de pessoas e opiniões. Se não encontrar verdades remotas, não se identificará com falsidades arrebatadoras. O percurso que escolheu leva-o por uma estrada secundária, pouco frequentada, mas muito plana e aprazível, que se chama Via do Lugar-Comum e que conduz ao Miradouro do Senso Comum. A vista que terá daí, ainda que não muito sublime, será agradável. E, enquanto outros contemplam o Oriente e o Ocidente, o Mal e o Nascer do Sol, ele contentar-se-á com a percepção de uma espécie de hora matutina sobre todas as coisas sublunares, com um exército de sombras movendo-se rapidamente em várias direções até à grandiosa luz da Eternidade. Passam as sombras e as gerações, os doutores estridentes e as guerras estrondosas, acabando por desaparecer no silêncio e no vazio finais; mas, por baixo de tudo isto, é possível ver, pelas janelas do Miradouro, uma paisagem muito verde e pacífica, muitos salões iluminados pelo fogo de lareiras, boas pessoas a rir, a beber e a fazer amor como faziam antes do Dilúvio ou da Revolução Francesa, e o velho pastor a contar o seu rebanho debaixo do espinheiro.

A *atividade* excessiva, seja na escola ou na universidade, na igreja ou no mercado, é sintoma de vitalidade deficiente, enquanto uma aptidão para o ócio implica um apetite universal e um forte sentido de identidade pessoal. Há por aí uma espécie de mortos-vivos, pessoas banais que quase não têm consciência de viver, exceto no exercício de alguma ocupação convencional. Se levarem estes indivíduos para o campo, ou os fizerem subir a bordo de um navio, verão como anseiam por regressar à secretária ou ao gabinete. Não têm curiosidade, são incapazes de se entregar a estímulos fortuitos, não retiram prazer do simples exercício das suas faculdades e, a não ser quando instigados pela Necessidade, ficam até imobilizados. É inútil falar com pessoas assim: *não conseguem* estar ociosas, uma vez que a sua natureza não é suficientemente generosa, e passam numa espécie de coma as horas que não são dedicadas à furiosa labuta na mina de ouro. Quando não precisam de ir ao escritório, quando não têm fome nem lhes apetece beber, todo o mundo vivo se transforma num vazio. Se tiverem de esperar uma hora ou mais por um comboio, caem num patético transe de olhos abertos. Ao vê-los, suporíamos que não têm nada para onde olhar nem ninguém com quem falar, imaginaríamos que estão paralisados ou alienados, mas é bem possível que sejam trabalhadores que se esforçam à sua maneira, tendo bom olho para uma falha num documento oficial ou uma alteração no mercado. Frequentaram a escola e a faculdade, mas sempre com os olhos fixos no prémio. Viajaram pelo mundo e misturaram-se com pessoas inteligentes, mas sempre a pensar nos seus próprios assuntos. Como se a alma humana não fosse

já demasiado pequena, reduziram e estreitaram ainda mais a deles através de uma vida de muito trabalho e nenhuma diversão. E ali ficam, aos quarenta anos, com a atenção tomada pela apatia, a mente privada de quaisquer elementos de recreação, sem nenhum pensamento que colida com outro, enquanto esperam pelo comboio. Na infância, poderiam ter trepado caixotes, fingindo-os vagões; aos vinte anos, talvez ficassem a olhar para as raparigas; mas agora o cachimbo apagou-se, a caixa de rapé está vazia e estes cavalheiros permanecem sentados muito direitos num banco, de olhos desolados. Não me parece ser isto o Sucesso na Vida.

Não é só, porém, o próprio indivíduo que sofre com os seus hábitos atarefados, mas também a mulher e os filhos, os amigos e os parentes, e até aqueles com quem se senta numa carruagem de comboio ou num ônibus. A permanente devoção ao que considera ser a sua atividade só pode ser mantida por meio da permanente negligência em relação a muitas outras coisas. E não é de modo algum certo que a sua atividade seja a coisa mais importante que tem para fazer. Numa avaliação imparcial, parecerá evidente que muitos dos papéis mais sábios, mais virtuosos e mais benéficos do Teatro da Vida são representados por intérpretes a título gratuito e vistos pelo mundo em geral como fases de ociosidade. Com efeito, nesse Teatro, não só os cavalheiros em movimento, as damas cantoras e os diligentes violinistas da orquestra, mas também os que, na plateia, assistem e batem palmas desempenham realmente um papel e cumprem funções importantes para o resultado geral. Dependemos muito, sem dúvida, dos cuidados de

advogados e corretores da bolsa, de guardas e sinaleiros que nos deslocam rapidamente de lugar em lugar, de polícias que percorrem as ruas para nossa proteção, mas não haverá um sentimento de gratidão no nosso coração dirigido a alguns outros benfeitores que nos fazem sorrir quando se cruzam connosco ou que temperam o nosso jantar com boa companhia? O coronel Newcome fez o seu amigo perder dinheiro e Fred Bayham tinha o péssimo hábito de pedir camisas emprestadas, mas era preferível estar na companhia deles do que na do senhor Barnes. E, embora o shakespeariano Falstaff não conseguisse ficar sóbrio nem fosse muito honesto, creio que me seria possível nomear um ou outro Barrabás de cara séria que faria menos falta ao mundo. O autor William Hazlitt refere que nutria um maior sentido de obrigação para com o pintor James Northcote, que nunca lhe fizera nada a que pudesse apelidar de favor, do que para com todo o seu círculo de amigos pomposos, pois defendia enfaticamente que um bom companheiro era o maior benfeitor. Sei que há no mundo pessoas incapazes de se sentirem gratas por um favor, a não ser quando este é feito a duras penas. Trata-se, porém, de um rude temperamento. Um indivíduo poderia enviar-nos seis folhas de papel de carta repletas dos mais divertidos mexericos, ou poderíamos passar meia hora agradavelmente, talvez até com proveito, a ler um artigo dele, mas seria, por acaso, o serviço prestado melhor se ele o tivesse escrito com o seu próprio sangue, como num pacto com o diabo? Pensaremos nós realmente que teríamos de estar mais agradecidos ao nosso correspondente se ele nos tivesse estado sempre a criticar pela nossa importunidade?

Os prazeres são mais benéficos do que os deveres porque, tal como a qualidade da misericórdia, não são forçados e são duplamente abençoados. Um beijo necessita sempre de dois e uma brincadeira poderá ser partilhada por muitos, mas, onde quer que haja um elemento de sacrifício, o favor é conferido com dor e, entre pessoas generosas, recebido com confusão. Não há dever que subestimemos tanto quanto o dever de ser feliz. Ao sermos felizes, semeamos no mundo benefícios anónimos que permanecem desconhecidos até para nós próprios e, se revelados, surpreendem acima de tudo o benfeitor. Num destes dias, um menino maltrapilho e descalço corria pela rua atrás de um berlinde, com um ar tão alegre que deixava todos por quem passava de bom humor. Uma dessas pessoas, assim libertada de pensamentos mais sombrios do que o habitual, deteve o rapazinho e deu-lhe algum dinheiro, acrescentando esta observação: «Vê bem o que às vezes recebemos quando parecemos satisfeitos.» Se antes parecia satisfeito, agora tinha de parecer simultaneamente satisfeito e surpreendido. Quanto a mim, apoio este encorajamento de crianças sorridentes em vez de chorosas. Não pretendo pagar por lágrimas em lado nenhum, a não ser no palco, mas estou disposto a incentivar o aumento do bem oposto. É melhor encontrar um homem ou uma mulher feliz do que uma nota de cinco libras. A pessoa feliz é um foco que irradia boa vontade e a sua entrada numa sala é como se mais uma vela se alumiasse. Não importa se é capaz de demonstrar a quadragésima sétima proposição de Euclides, pois faz algo melhor do que isso: na prática, demonstra o grande Teorema da Vivibilidade da Vida. Consequentemente,

se uma pessoa não consegue ser feliz sem permanecer ociosa, então ociosa deve permanecer. É um preceito revolucionário, mas, devido à fome e aos asilos para os pobres, não é fácil abusar dele, ainda que, dentro dos limites práticos, seja uma das verdades mais incontesteáveis de todo o Corpo Moral. Peço-vos que observemos, por um momento, um desses sujeitos industriosos. Semeia pressas e colhe indigestões; tenta fazer render um vasto conjunto de atividades e, em troca, recebe uma grande dose de perturbações nervosas. Tanto se ausenta completamente de qualquer convívio e vive recluso num sótão, de pantufas e com um pesado tinteiro, como vem rápida e amargamente para o meio das pessoas, numa contração de todo o seu sistema nervoso, com o intuito de descarregar algum mau génio antes de voltar ao trabalho. Pouco me importa se trabalha muito ou bem, pois tal indivíduo é um elemento nefasto na vida dos outros. Estes seriam mais felizes se estivesse morto. Mais facilmente passariam sem os seus serviços no Gabinete de Circunlocação do que toleram o seu espírito irascível. No fundo, envenena a vida na nascente. É melhor ser arruinado num ápice por um sobrinho estouvado do que ser atormentado todos os dias por um tio rabugento.

E, em nome de Deus, para quê tanta agitação? Porque enchem eles de azedume a sua própria vida e a dos outros? Que alguém publique três ou trinta artigos por ano, que termine ou não termine o seu grande quadro alegórico, são questões de pouco interesse para o mundo. As fileiras da vida estão cheias e, ainda que mil caiam, há sempre outros para ocupar a brecha. Quando disseram a Joana d'Arc que deveria estar em casa a tratar de

tarefas femininas, ela respondeu que já havia muitas a fiar e a lavar. E o mesmo se poderia aplicar até aos nossos dons mais raros! Quando a natureza é «tão descuidada com a vida individual», porque havíamos nós de alimentar a ideia de que a nossa é de excepcional importância? Suponhamos que, quando jovem, Shakespeare fora golpeado na cabeça numa qualquer noite escura ao trespassar a propriedade do seu vizinho, Sir Thomas Lucy: o mundo, para melhor ou pior, teria continuado a girar, o cântaro teria voltado ao poço, a foice ao milho e o estudante ao seu livro — e ninguém teria percebido a dimensão da perda. Se tivermos em conta as alternativas em redor, não existem muitas obras que valham o preço de uma libra de tabaco para um homem de recursos limitados. Esta é uma reflexão inquietante para os mais orgulhosos das nossas vaidades terrenas. Nem mesmo um tabaqueiro, após reflexão, encontrará grandes motivos de vanglória pessoal na afirmação, uma vez que, apesar de o tabaco ser um sedativo admirável, as qualidades necessárias para o vender não são nem raras nem preciosas em si mesmas. Muito lamentavelmente, seja como for que o tomemos, é um facto que de nenhum indivíduo são os serviços indispensáveis. Atlas era somente um cavalheiro com um pesadelo prolongado! Ainda assim, vemos comerciantes que se esforçam por acumular grandes fortunas e depois acabam no tribunal de falências; escribas que continuam a escrever artigos até que o seu temperamento se torna uma cruz para todos os que se aproximam deles, como se o faraó tivesse posto os israelitas a fazer um alfinete em vez de uma pirâmide; e bons jovens que trabalham até ao declínio

e são levados num carro funerário adornado com plumas brancas. Não seria de supor que o Mestre de Cerimónias lhes teria sussurrado ao ouvido a promessa de um destino muito importante? E que este tépido projétil sobre o qual representam as suas farsas fosse o alvo e o ponto central de todo o Universo? Todavia, não é esse o caso. Os fins pelos quais entregam a sua inestimável juventude, tanto quanto sabem, podem ser quiméricos ou prejudiciais; a glória e as riquezas que esperam poderão nunca chegar ou encontrá-los já indiferentes; e eles e o mundo que habitam são tão insignificantes que a mente bloqueia com esse pensamento.

Carta a Um Jovem Cavalheiro Que se Propõe Abraçar a Carreira Artística

Com a agradável franqueza da juventude, escreve-me sobre uma questão de alguma importância prática para si e (é até concebível) de alguma relevância para o mundo: deve ou não deve tornar-se artista? É uma decisão que terá de tomar inteiramente por si e, nesse sentido, tudo o que posso fazer é chamar a sua atenção para alguns dos elementos dessa decisão. Começarei, como provavelmente terminarei também, com a garantia de que tudo depende da vocação.

Saber do que se gosta representa o princípio da sabedoria e da maturidade. A juventude é totalmente experimental. A essência e o fascínio dessa época inquieta e encantadora consistem na ignorância face a nós próprios e também à vida. O jovem junta estas duas incógnitas uma e outra vez, ora com um toque delicado, ora com um abraço amargo; ora com um prazer requintado, ora com uma dor lancinante; mas nunca com indiferença, para a qual é um perfeito desconhecido, e jamais com aquele sentimento próximo da indiferença, a resignação. Se for um jovem com sentidos delicados ou um cérebro que se exalta facilmente, esta série de experiências suscitará nele um interesse desproporcionado em relação ao prazer que dela advém. Embora assim possa pensar,

não é a beleza que ele ama, nem o prazer que procura: o seu objetivo e a sua recompensa suficiente é verificar a sua própria existência e experimentar a variedade do destino humano. Para ele, antes de a lâmina da curiosidade ficar embotada, tudo o que não seja a vida real e a ardente perseguição da experiência apresenta um rosto desagradavelmente frio que será difícil de recordar em dias posteriores. A haver alguma exceção — e aqui o destino entra em cena —, ocorre naqueles momentos em que, cansado ou saciado da atividade primária dos sentidos, chama à memória a imagem de dores e prazeres passados. É assim que ele se afasta de todas as profissões padronizadas e se inclina imperceptivelmente para uma carreira artística que consiste apenas em saborear e registar a experiência.

Esta inclinação, que é mais uma impaciência em relação a todos os outros ofícios honestos do que uma vocação para a arte, surge amiúde isolada — e, existindo assim, desaparecerá gradualmente no decurso dos anos. Saliento que não deve ser levada em conta, pois não é de facto uma vocação, mas uma tentação. E quando o seu pai, no outro dia, desencorajou de modo tão feroz e (na minha opinião) tão correto a sua ambição, estava provavelmente a recordar alguma passagem semelhante na própria experiência dele. Com efeito, a tentação é talvez quase tão comum como a vocação é rara. Além disso, também temos vocações que são imperfeitas, temos pessoas cujas mentes estão ligadas não tanto a uma arte específica, mas à *ars artium* geral e à base comum de todo o trabalho criativo, e ora mergulham na pintura, ora estudam o contraponto e, de quando em quando,

escrevem um soneto: tudo isto com igual interesse, tudo muitas vezes com genuíno conhecimento. No entanto, deste temperamento, quando surge isolado, tenho dificuldade em falar, embora aconselhasse tal pessoa a dedicar-se às letras, porque na literatura (que arrasta uma rede tão ampla) toda a sua informação se poderá revelar útil um dia e, se ele continuar como começou, convertendo-se finalmente num crítico, terá aprendido a usar as ferramentas necessárias. Por último, chegamos às vocações que são ao mesmo tempo decisivas e precisas, aos homens que nascem com o amor aos pigmentos, a paixão pelo desenho, o dom da música ou o impulso para criar com palavras, tal como outros homens, ou talvez até os mesmos, nascem com o amor à caça, ou ao mar, ou aos cavalos, ou ao torno mecânico. Estes estão predestinados. Se um homem ama a prática de um determinado ofício, independentemente de qualquer questão de sucesso ou fama, os deuses chamaram-no. E pode ter também a vocação geral, pode ter gosto por todas as artes — e penso que muitas vezes tem —, mas a marca do seu chamamento é essa parcialidade laboriosa por uma delas, esse entusiasmo inextinguível pelos seus êxitos técnicos e (porventura acima de tudo) uma certa candura de espírito, no sentido de encarar a sua modesta atividade com uma seriedade digna dos cuidados do império e considerar o mais pequeno aperfeiçoamento merecedor de ser alcançado à custa de qualquer quantidade de tempo e esforço. O livro, a estátua, a sonata, todos eles devem ser encarados com a boa-fé irrefletida e o espírito inquebrantável das crianças nas suas brincadeiras. *Vale a pena?* — quando ocorre a qualquer artista esta pergunta,

a resposta é implicitamente negativa. Ela não ocorre à criança quando brinca aos piratas no sofá da sala, nem ao caçador quando persegue a sua presa, e a candura de um e o ardor do outro devem estar unidos no coração do artista.

Se reconhece em si mesmo um gosto tão decisivo, não há lugar para hesitações: siga a sua inclinação. E observe (para não o desencorajar em demasia) que tal disposição, no início, não costuma arder de modo tão intenso, ou melhor, tão constante. O hábito e a prática aguçam os dons, a necessidade do esforço árduo torna-se menos desagradável, acabando até por ser bem-vinda com o passar dos anos, e um pequeno gosto (se for genuíno) converte-se na entrega a uma paixão exclusiva. Basta, neste momento, olhar para trás, analisar um intervalo de tempo razoável e verificar se a arte que escolheu se conseguiu manter um pouco acima dos inúmeros interesses da juventude. Se a devoção ajudar, o tempo fará o resto, com todos os seus pensamentos a serem absorvidos por essa adorada ocupação.

Não obstante, poder-me-á lembrar que, mesmo com devoção, mesmo com inabalável e prazerosa dedicação, muitos milhares de artistas passam a vida completamente em vão, a julgar pelos resultados: milhares de artistas e nem uma obra de arte. A verdade é que a vasta maioria da humanidade se revela incapaz de fazer seja o que for razoavelmente bem, incluindo no campo da arte. O artista sem valor também teria sido provavelmente um padeiro deveras incompetente. Além disso, mesmo que não entretenha o público, entretém-se a si próprio, de modo que haverá sempre um homem mais

feliz em virtude das suas vigílias. Este é o lado prático da arte: a sua inexpugnável fortaleza para o verdadeiro praticante. Os retornos diretos — as retribuições do ofício — são pequenos, mas os indiretos — as retribuições da vida — são incalculavelmente grandes. Nenhuma outra ocupação oferece a um homem o seu sustento diário em termos tão satisfatórios. O soldado e o explorador têm momentos de uma excitação mais elevada, mas são alcançados à custa de cruéis tribulações e períodos de tédio inexprimíveis. A vida de um artista não precisa de ter uma só hora sem algum prazer. Vejamos o exemplo do autor, com cuja carreira estou mais familiarizado. É verdade que trabalha com um material rebelde e que o ato de escrever é desconfortável e difícil tanto para os olhos como para o temperamento, mas observemo-lo no seu escritório, quando os assuntos se aglomeram sobre ele e não lhe faltam palavras: como flui o tempo numa contínua série de pequenos êxitos; com que sensação de poder, como se estivesse a mover montanhas, conduz as suas pequenas personagens; com que prazer, tanto para os ouvidos como para os olhos, constata o crescimento da sua estrutura imaterial através das páginas; e como se empenha num ofício do qual todos os elementos da sua vida são tributários e que abre uma porta a todos os seus gostos, amores, ódios e convicções, de tal modo que aquilo que escreve é apenas o que ansiava expressar. É possível que tenha desfrutado de muitas coisas neste grande e trágico pátio de recreio que é o mundo, mas terá tido maior satisfação do que numa manhã de trabalho afortunado? Suponhamos que esse trabalho é mal pago: o espantoso é que seja pago de todo.

Outros homens pagam, e pagam caro, por prazeres menos desejáveis.

Em todo o caso, a prática da arte não lhe proporcionará apenas prazer, conferindo-lhe também uma formação admirável, uma vez que o artista se guia inteiramente pela honra. As pessoas em geral pouco ou nada sabem desses méritos em busca dos quais está condenado a dedicar a maior parte dos seus esforços. Os méritos da conceção, o mérito da vitalidade espontânea, o mérito de uma certa proeza elementar que um homem de temperamento artístico adquire com facilidade — estes aspectos conseguem elas reconhecer e valorizar. No entanto, a vasta maioria delas permanecerá cega para as dimensões mais apuradas da destreza e do aperfeiçoamento que o artista tão ardentemente deseja e tão intensamente sente, pelas quais (nas vigorosas palavras de Balzac) tem de labutar «como um mineiro soterrado num desmoronamento», e que, dia após dia, reformula e revê e rejeita. A essas dores perdidas, se atingir o grau mais elevado do mérito, poderá talvez a posteridade fazer justiça, mas se, como é mais provável, falhar esse patamar por um fio de cabelo que seja, bem pode ficar certo de que elas nunca serão observadas. À sombra deste frio pensamento, sozinho no seu estúdio, o artista deve preservar diariamente a sua constância para com o ideal. É isso que torna a sua vida nobre; é em virtude disso que a prática do seu ofício lhe fortalece e amadurece o carácter; e foi por isso que até o semblante sério do grande imperador se voltou com aprovação (ainda que apenas por um momento) para os seguidores de Apolo e aquela voz severamente calma ordenou ao artista que estimasse a sua arte.

- | | | |
|---|------------------------|--|
| 1 | Robert Louis Stevenson | <i>Uma Apologia do Ócio</i> |
| 2 | Virginia Woolf | <i>Um Quarto só Seu</i> |
| 3 | Sun Tzu | <i>A Arte da Guerra</i> |
| 4 | Mary Wollstonecraft | <i>Uma Vindicação dos Direitos da Mulher</i> |

Ao longo da História, alguns livros tiveram o condão de mudar o mundo. Transformaram a forma como nos entendemos e nos relacionamos. Provocaram debates, ruturas, guerras e revoluções. Esclareceram, chocaram, provocaram e confortaram. Engrandeceram — e destruíram — vidas. Nesta coleção, damos a conhecer o trabalho dos grandes pensadores, pioneiros, radicais e visionários cujas ideias abalaram a civilização e ajudaram a trilhar o caminho que percorremos até aqui.

Um apelo irresistível e espirituoso à rejeição da ética laboral e à apreciação dos prazeres simples da vida — como rir, beber ou descansar ao ar livre —, o ensaio seminal de Robert Louis Stevenson sobre as alegrias do ócio é acompanhado de textos sobre o envelhecimento, a visita a lugares desagradáveis e a experiência avassaladora de estar apaixonado.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-904-9



9 789895 839049